

Editorial

Vivemos na sociedade nacional e, por que não dizer, mundial, momentos de retrocessos no que tange aos direitos humanos, aos projetos sociais e um ataque feroz e até criminalização dos movimentos sociais. Em tempos em que os direitos das mulheres estão sendo atacados, a violência contra as mulheres é cada vez mais frequente, os preconceitos contra pessoas negras e LGBTQ+ é gritante e faz parte do cotidiano nacional, publicar mais uma edição dos Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT) é uma manifestação de resistência. Esta resistência se apresenta por meio das pessoas que, mesmo tendo seus estudos atacados por meio da crítica à ideologia de gênero, ideia distorcida pelos movimentos contrários a abordagem dos estudos de gênero, persistem em busca de respostas a seus questionamentos e buscam dar visibilidade aos resultados encontrados em suas pesquisas. Este processo é fundamental para a consolidação do campo dos estudos de gênero no Brasil.

Por outro lado, vemos um crescente no que tange a eventos acadêmicos e científicos sobre a temática de gênero, estudos sobre mulheres, enfrentamento a LGBTfobia, enfrentamento ao racismo com cada vez mais participantes. Isso significa que a repressão sobre esses movimentos pode causar dificuldades na realização dos estudos, porém, não impendem que os mesmos aconteçam e sejam visibilizados. É com a parceria destas/es pesquisadoras/es que contamos para seguir a trajetória que busca a consolidação desta revista como um espaço para dar visibilidade a estes estudos.

Sendo assim, apresentamos o número 37 dos CGT que conta com 4 artigos inéditos e uma entrevista. O primeiro artigo, de autoria de Tania Gracieli Vega Incerti e Lindamir Salete Casagrande intitulado *“Elas fizeram (e fazem) parte da história da ciência e da tecnologia e são inventoras sim!”* aborda a participação das mulheres nas ciências trazendo uma pequena biografia de mulheres responsáveis por inventos que fazem parte de nosso cotidiano e que pouca gente sabe que são de autoria feminina. As autoras questionam a invisibilidade que cerca e faz parte das vidas das mulheres inventoras em uma sociedade na qual só o homem é visto com capaz de novas invenções, de criar soluções que melhorem (ou nem tanto) o cotidiano a nível mundial. As autoras afirmam que as mulheres percorrem trajetórias sinuosas para conseguir êxito em suas vidas profissionais.

Neste artigo são apresentadas as biografias e os inventos de onze mulheres. Inventos que foram revolucionários em sua época de criação e continuam exercendo papel importante na sociedade contemporânea. As autoras concluem que *“Percebe-se que suas invenções foram significativas para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e muito pouco se sabe sobre estas mulheres.”*

Este artigo desempenha um importante papel para recuperar e registrar a história das mulheres inventoras e estimular mais mulheres a se inserir no meio

científico e tecnológico e a participar de invenções que podem contribuir para a mudança da realidade mundial, de modo especial, da vida das mulheres. Destaca ainda, que há muita dificuldade para recuperar e localizar as mulheres que desenvolveram e desenvolvem ciências mundo afora uma vez que a história delas não foi e não é suficientemente registrada.

Na sequência, apresentamos o artigo sob o título “A disponibilidade para as carreiras nas áreas de ciências biológicas e saúde das egressas do programa de vocação científica da fundação Oswaldo Cruz”, contribuição das pesquisadoras Bruna Navarone Santos, Ana Tereza Pinto Filipecki, Cristiane Nogueira Braga e Isabela Cabral Félix de Sousa. Neste artigo, as autoras buscam investigar se as trajetórias acadêmicas de estudantes de biologia e saúde de egressos/as do Programa de Vocação Científica (Provoc) são influenciadas pelo grau de escolaridade dos pais. As autoras parte do pressuposto de que a família tem importante papel nas escolhas acadêmicas dos jovens.

O estudo, baseado em entrevistas com egressas/os aponta que os mesmos tendem a permanecer na área das ciências biológicas. Aponta ainda uma maior disponibilidade das moças a seguir na carreira acadêmica. As autoras concluem afirmando que “Parece que as relações de gênero influenciam a escolha de moças por áreas acadêmicas que já são consideradas femininas, como as de Biologia e da Saúde.” Porém, destacam que há a necessidade de realizar mais estudos para buscar respostas que não foram possíveis encontrar com a realização deste estudo, COMO, por exemplo, “fazer uma análise mais balanceada e comparar as trajetórias de moças e rapazes”.

A contribuição das pesquisadoras Miriã dos Santos e Cíntia de Souza Batista Tortato lança olhar sob as carreiras de mulheres biólogas atuantes em instituições de ensino superior federais do litoral paranaense. Intitulado “*Ciências Biológicas: mais mulheres, menos preconceito?*”, traz resultados de uma pesquisa realizada com sete professoras/pesquisadoras da área das ciências biológicas que, para o desenvolvimento de suas pesquisas, precisam realizar coleta de dados em campo. Destaca-se que, na maioria das pesquisas desta área há a necessidade da pesquisa de campo que ocorrem em locais de difícil acesso e que, frequentemente necessitam de apoio de pessoas nativas, geralmente homens.

As entrevistadas relataram ter sofrido preconceito de toda ordem e em diversos espaços universitários e de campo. A Pesquisadoras sofreram(sofrem) preconceito baseados na forma de falar, no questionamento da capacidade de realizar a pesquisa, da aparência física, da maternidade, e inclusive, baseada em uma deficiência física de uma das entrevistadas. Com base nos relatos das professoras/pesquisadoras pode-se perceber que, mesmo atuando numa área na qual as mulheres são maioria, o preconceito se manifesta e dificulta a trajetória profissional e pessoal das mulheres. As autoras concluem que os preconceitos neste campo do conhecimento permanecem e são muito semelhantes aos encontrados em áreas nas quais elas são minoria.

Pois antes de serem biólogas, médicas, fisioterapeutas ou qualquer outra profissão, elas ainda são mulheres e o preconceito de gênero é algo presente no cotidiano da vida das mesmas.

Para finalizar a seção de artigos inéditos apresentamos a contribuição de autoria de Giseli Cristina dos Passos e Lindamir Salete Casagrande, com o artigo intitulado *Homens (trans): da invisibilidade às transmasculinidades na educação*. As autoras se propõem a pensar os corpos transexuais de homens (trans) desde o surgimento do movimento de homens (trans) até a atualidade. Fazem uma reflexão sobre as dificuldades de acesso deste grupo de pessoas ao processo transexualizador que permanece como procedimento experimental. Se propõem ainda a analisar a busca por inserção no mercado de trabalho como docentes.

Destacam que ainda há uma grande lacuna no que diz respeito aos estudos acerca da comunidade transgênero e, de modo especial, sobre homens trans. As autoras concluem afirmando que

a heteronormatividade ainda presente no ambiente escolar que transforma qualquer corpo fora da norma como abjeto, seja ele de estudantes ou ainda mais de docentes, e visa cogitar a necessidade de pensar os corpos transmasculinos neste ambiente enquanto professores relacionando a questão a crescente organização do movimento transexual e transexual docente.

Finalizamos esta edição do CGT com a entrevista com a Professora Dra. Lindamir Salete Casagrande que nos fala sobre sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. A autora faz uma reflexão sobre a polêmica sobre a abordagem de gênero na escola, tema intensamente atacado pela ala conservadora da política nacional e da sociedade como um todo. Aborda ainda sobre a trajetória dos CGT, publicação esta, que contou com a sua contribuição para a criação e da qual é editora deste o primeiro número até a atualidade.

Como pode-se perceber, a maioria dos artigos desta edição abordam a presença das mulheres nas ciências, suas conquistas, bem como os tabus, desafios e obstáculos apresentados às mulheres que se atrevem a se inserir neste universo que é ocupado predominantemente por homens. Destacamos a importância de que, cada vez mais, as mulheres se insiram no ambiente científico. Felizmente isso vem acontecendo, porém, esta inserção se mantém como um ato de coragem, uma vez que a sociedade, e de modo especial, os homens, estão dispostos a tornar a trajetória de mulheres cientistas em uma corrida com obstáculos.

Destacamos que o aumento do número de cientistas mulheres e de mulheres feministas no meio científico contribui para estimular as meninas/moças/mulheres a se interessar por estas carreiras, bem como, para minimizar os preconceitos e desconstruir os estereótipos construídos acerca do que é ser cientista. Concordamos com o argumento de Fanny Tabak¹ (2002) de que um país que busca o desenvolvimento em diversas áreas do conhecimento não pode abrir mão da

contribuição de mais da metade da capacidade intelectual do país, ou seja, da inteligência das mulheres.

Salientamos ainda, a relevância da divulgação dos feitos, inventos e descobertas das mulheres para que se desconstrua a ideia de que mulheres não tem aptidão para as ciências, e, para isso, as redes sociais tem se constituído em uma importante ferramenta para tal feito.

Assim, convidamos a todas e todos a desfrutar a leitura de mais este número dos Cadernos de Gênero e Tecnologia e esperamos contribuir e inspirá-las/os em suas produções. Aguardamos suas contribuições para que a história dos CGT seja ainda mais frutífera, inspiradora e duradoura.

Boa leitura!

Lindamir Salete Casagrande
Nanci Stancki da Luz
Editoras